

Prefácio

Tenho o prazer de apresentar um estudo da obra de redenção de Deus que começa na criação e progride em direção ao desenvolvimento completo e final na Nova Jerusalém. A Bíblia, ao relatar a história da redenção, revela o progresso do plano de Deus para seu povo; o Antigo e o Novo Testamentos testemunham da glória preparada para o novo povo de Deus em Jesus Cristo. Examinaremos a Bíblia como o livro de Deus e o livro do homem e, em cada fase em sua revelação da história da redenção, consideraremos em particular as respectivas *formas literárias*, a *função canônica* ou sentido da passagem como uma mensagem divina para a comunidade a quem foi concedida e a *relevância histórica-redentora* ou a relevância de cada período à luz dos propósitos de Deus em todos os outros estágios da redenção. Este livro, portanto, apresenta ao leitor o Antigo Testamento, o período intertestamentário, o Novo Testamento, a história da igreja e o futuro profético. O fluxo da história redentora testemunha da diversidade na revelação de Deus e também da unidade de seu plano. De acordo com George Ladd:

A Bíblia inteira encontra sua unidade no que é mais bem denominado a santa história – *Heilsgeschichte*. É um registro e interpretação dos eventos em que Deus visita os homens na história para redimi-los como pessoas e também redimi-los na sociedade – na história. Isso significa, enfim, a redenção da própria história.

A diversidade ocorre por causa dos diferentes estágios ao longo da linha da redenção e das diferentes maneiras em que é possível interpretar o evento da redenção. Os profetas veem esse evento da perspectiva da promessa, com uma forte ênfase no sentido terreno e histórico dessa visita divina.¹

Trato de uma ampla gama de tópicos neste livro e sinto de forma aguda minhas próprias limitações para lidar com cada um deles de modo adequado. No entanto, existe um vazio na literatura evangélica atual já que poucos

escritos traçam o desenvolvimento progressivo da história da redenção. Devo muito aos escritos de Geerhardus Vos, cuja obra monumental *Teologia bíblica – Antigo e Novo Testamentos* foi impressa cerca de quarenta anos atrás, e a Edmund P. Clowney e Richard B. Gaffin Jr. por terem me apresentado à abordagem histórica redentora enquanto estudava no Westminster Theological Seminary. A despeito das falhas e erros deste livro, confio que ele ajudará os cristãos a se fundamentar na história do povo de Deus, servir melhor a Cristo e ficar cheios com o Espírito de restauração enquanto olhamos na direção da gloriosa redenção preparada para o povo de Deus em sua Nova Jerusalém.

Sou grato a meus alunos pelo encorajamento deles – no Geneva College (1974-78); no Reformed Theological Seminary, Jackson (1978-92); e no Trinity Evangelical Divinity School, ambos no *campus* Deerfield e na grande extensão de campi (1992 até o presente). Também sou agradecido a Jim Weaver da Baker Book House por seu apoio em publicar este livro sob a bandeira da Baker. Sou profundamente agradecido a Deus por minha família, a quem dedico esta obra. O sacrifício deles, o amor constante e os laços espirituais que nos unem me deram um senso da bênção de Deus que renova e reanima. Louvo o Senhor pelo amor de minha esposa, Evona, nesses quase trinta anos e por seu interesse em nossa comunidade internacional no seminário; pelo amadurecimento espiritual e sensibilidade da nossa filha seminarista, Nurit; pelo desenvolvimento social da nossa filha universitária, Tamara, noiva de Bryan Betts; e pelo “florescimento” de nossa filha secundarista, Shoshanna. Louvado seja Deus!

Oro agora para que o leitor possa ter um vislumbre do Eterno nestas páginas e encontrar abrigo sob as asas do Todo-poderoso, que se revela no Filho e que, por intermédio do Espírito Santo, garante-nos da certeza do futuro.

Introdução

A Bíblia é o livro de Deus e do homem. Deus fala por intermédio da boca de homens, e os homens e as mulheres ouvem a voz de Deus. Embora os homens por intermédio de quem Deus falou tenham vivido milênios atrás, a igreja ainda os ouve. Essa maneira de ouvir, no entanto, depende de sua própria situação histórica. Desde o século XIX são levantados sérios questionamentos quanto à inspiração, canonicidade e inerrância da Bíblia. Os estudiosos veem o surgimento da abordagem crítica à Escritura como um divisor de águas e se referem à literatura antes e após esse desenvolvimento como pré-crítica e pós-crítica. A abordagem crítica afeta muitíssimo a maneira que a Bíblia é estudada em universidades e seminários e também a maneira como é exposta nas igrejas. Os críticos da Bíblia são acusados de levar a igreja a um exílio babilônio – os profissionais de exegese debatem pontos sutis de interpretação enquanto o povo de Deus tem sede da Palavra.

Os evangélicos respondem gradualmente aos questionamentos. Embora sejam acusados de elevar a Escritura à alta posição de oráculos de Deus e de demonstrarem pouca consideração pelo modo histórico, literário e cultural em que a Bíblia veio a nós. Os evangélicos se importam com esses assuntos. Com a preocupação de interpretar a Bíblia de uma forma realista e relevante, apresento neste livro a *abordagem redentora-histórica*. Essa abordagem da Bíblia mostra uma avaliação da Palavra de Deus como veio a nós no espaço e no tempo, dando atenção à análise histórica e gramatical, bem como às funções literária e canônica. Esse método de interpretação da Bíblia começa com a pressuposição de que a Bíblia é a Palavra de Deus e a palavra do homem. A Bíblia, como a Palavra de Deus, revela o Deus triuno e seu plano de salvação e vida para os seres humanos em relação a seu grande desígnio para a renovação do céu e da terra.

A Bíblia, como a palavra do homem, é a coletânea das obras literárias escritas pelos homens de Deus e inspiradas pelo Espírito de Deus. Esses tesouros literários foram escritos em línguas humanas ao longo de muitos séculos, refletindo as diferentes culturas e convenções literárias. A Escritura, como tal, está relacionada a culturas específicas. Deus falou para os escritores na sua língua de acomodação e ainda fala conosco de uma forma que conseguimos entender. O reconhecimento de um compromisso teológico com a Bíblia como Escritura não é um impedimento para o entendimento dela, mas um auxílio para o entendimento, como o foco nas formas literárias, na função canônica da Escritura e na sequência de continuidade e descontinuidade ao longo da história da redenção. A preocupação com os aspectos divino e humano cria tensões que se relacionam com as questões mais básicas de interpretação: “Entendemos de fato o que lemos?” A resposta a essa questão leva a sete questões adicionais:

1. Como um evento descrito na Bíblia pode ser relevante para um cristão do século XXI?
2. Qual é a relação entre uma tradição teológica ou declaração confessional e a contínua necessidade de uma leitura e estudo novos da Bíblia?
3. Qual é o lugar da “fé” na leitura e estudo da Escritura, incluindo o Antigo Testamento?
4. Como o Antigo e o Novo Testamentos se relacionam um com o outro?
5. Qual é o centro teológico, ou tema predominante, da Bíblia?
6. Que elementos em uma interpretação envolve de forma vital o intérprete?
7. Como a exegese bíblica se aplica à vida prática? Como a Bíblia leva à transformação contínua?

Os eventos antigos e a fé do cristão moderno

Como o texto bíblico, em seu contexto antigo, nos toca hoje? A questão da relevância é tão antiga quanto a Bíblia, mas foi levantada de forma mais aguda por Hegel, alemão filósofo da história do século XIX. Hegel postulou o conceito do espírito na história como o elo que conecta o presente com o passado. Para Hegel, o próprio evento é insignificante; só sua conexão com outros eventos é importante. O processo sozinho é revelador. A relevância

do passado depende de sua influência no presente. Na percepção de Hegel, os eventos bíblicos e a história são relevantes apenas à medida que se relacionam com o presente.

A separação de fé da história resultou em uma atitude negativa em relação à história do Antigo Testamento e uma subsequente erosão da autoridade do Antigo Testamento.¹ Os estudiosos do Novo Testamento tiraram o Jesus histórico da interpretação teológica de Jesus na igreja primitiva. A busca pelo Jesus histórico levou Bultmann a introduzir o conceito de demitologização em um esforço para separar Jesus de Nazaré, ou o núcleo histórico, do Jesus da fé. O método crítico dissecou os livros bíblicos individuais em fragmentos literários produzidos por múltiplas tradições. Klug afirma com acerto a reação dos evangélicos ao dilema crítico: “Os estudiosos da crítica-histórica vieram eles mesmos a ser os coveiros no funeral e enterro da Palavra de Deus”.²

O processo de interpretação jamais deveria criar uma separação entre o intérprete e o texto, entre o evento antigo e o século XX. O hegelianismo cria essa separação. A alta crítica, ou crítica histórica, também acentua a diferença. Com certeza, as diferenças existem, mas o processo de interpretação envolve o leitor moderno da Bíblia. A interpretação autêntica reverbera a mensagem antiga para cada leitor da Bíblia de uma forma similar, mas não idêntica. Deus falou e ainda fala para os homens e mulheres por meio da operação do Espírito Santo. A revelação de Deus por intermédio de Moisés, dos profetas, de nosso Senhor e dos apóstolos ainda testemunham no contexto moderno para indivíduos com ouvidos abertos para a voz de Deus. Jesus disse que suas ovelhas ouvem sua voz (Jo 10.1-5), e essa voz nos vem nas sagradas Escrituras. Os que creem no Cristo de Deus estão enxertados na história dos atos de Deus para que possam exclamar com o salmista:

Grande é o SENHOR e digno de ser louvado;
sua grandeza não tem limites.
Uma geração contará à outra
a grandiosidade dos teus feitos;
eles anunciarão os teus atos poderosos.
Proclamarão o glorioso esplendor
da tua majestade,
e meditarei nas maravilhas que fazes.
Anunciarão o poder dos teus feitos temíveis,
e eu falarei das tuas grandes obras.
Comemorarão a tua imensa bondade
e celebrarão a tua justiça (Sl 145.3-7).

A exegese bíblica e as tradições teológicas

Ao longo da história da igreja, a Bíblia está firmemente conectada a sua vida e ensinamento. A prática real e o ensinamento podem se desviar em um ponto ou outro, mas a Bíblia, em tempo algum, foi completamente substituída. O lugar da Bíblia, contudo, está em contínua tensão com as tradições da igreja ou denominação. Essa tensão aumentou durante a Reforma e, desde essa época, sua resolução deu origem a muitas denominações.³ A tradição tem um lugar na vida da igreja porque cada geração não consegue aliviar as tensões, as questões teológicas e os problemas práticos das gerações anteriores. Somos herdeiros dos pais da igreja que modelaram as fórmulas doutrinárias da Trindade. Somos herdeiros da Reforma com sua ênfase em Cristo (*versus* a igreja), na justificação pela fé, salvação pela graça, sacerdócio de todos os cristãos e na primazia da Escritura (*versus* as tradições da igreja). Além disso, muitas igrejas evangélicas têm um credo, confissão, aliança ou declaração de crença por meio da qual os membros são unidos. A tradição dá um sentido de continuidade histórica e de identidade e solidariedade. Ademais, a admissão de um pré-entendimento (ou seja, uma abordagem culturalmente condicionada) na interpretação bíblica ajuda o leitor da Bíblia a se precaver contra entendimentos equivocados.⁴

A tradição, por outro lado, é perigosa quando depende do princípio de reforma da primazia da Escritura (*sola Scriptura*). Os *solas* da Reforma (só Cristo, só fé, só graça e só Escritura) estavam em contraste com as tradições teológicas e eclesiais. Os reformadores abraçavam com sinceridade a primazia da Escritura. Eles apoiavam sua posição na Escritura – a suficiência de Cristo para a salvação e a apropriação imediata dos benefícios dele por meio da fé e da graça – contra as autoridades eclesiais. Os reformadores, não intimidados pela força da tradição e do poder de Roma, voltaram à Palavra de Deus como a principal fonte de sua fé. Existe o perigo contínuo de viver à vontade com nossas formulações teológicas e sem conhecer o estímulo de uma nova interpretação. Por isso, Barr encoraja a volta à interpretação bíblica como uma forma de nos apropriarmos de nossa herança. “Para boa parte do trabalho interpretativo, a novidade não significa se afastar da tradição, [...] mas a reapropriação da tradição com entendimento mais profundo”.⁵

Nossa posição hoje não é muito diferente do período anterior à Reforma. A Idade Média era unida pela aceitação das “regras de fé”, conforme ensinadas e transmitidas pela igreja. A Escritura era de importância secundária para a tradição. Os modos de interpretação eram irrelevantes para o ensino

da igreja. O perigo para o cristianismo evangélico moderno é a extração de valores da Bíblia, sem a devida preocupação em ouvi-la com cuidado. Emil Brunner lamenta ao fato de muitos não ouvirem o texto bíblico nem aplicarem o texto de forma apropriada, e de alguns buscarem um “sentido espiritual” escondido no texto. Ele objeta com veemência ao fato de que o caos resultante do manejo errado com a Bíblia não seja da Reforma, mas reminescente do período da pré-Reforma: “Só podemos advertir as pessoas com a maior urgência contra essa confusão de pensamento que inevitavelmente nos leva de volta à posição religiosa que os reformadores superaram; na verdade, essa vitória constituiu a Reforma”.⁶

O lugar da fé na interpretação da Escritura

O mundo do estudo bíblico acadêmico está contra o tradicionalismo. O estudo bíblico acadêmico moderno tem apenas cerca de cem anos, mas seu impacto na abordagem, profundidade e amplitude no estudo da Bíblia é inegável. Um dos resultados fascinantes do estudo acadêmico do Antigo Testamento no último século foi a proliferação de artigos, monografias e comentários integrando os resultados dos estudos mais abrangentes do Oriente Próximo da Antiguidade e do texto do Antigo Testamento. A comparação de um comentário do início do século XIX sobre qualquer livro do Antigo Testamento com sua contraparte de meados do século XX revela as diferenças. Os comentários dos cristãos primitivos, medievais e da Reforma foram deixados de lado em favor das percepções da filosofia, filologia, religião comparada, arqueologia e história. Junto com a rejeição do passado estava a busca incessante por novidade.

A comunidade acadêmica não pretendia necessariamente tirar a Bíblia da igreja. A crítica acadêmica almejava a reconstrução dos contextos originais em que os livros bíblicos surgiram e assumiam que mais informação simplesmente deixaria a mensagem mais clara. Os resultados, contudo, foram diferentes, conforme Childs observa: “Simplesmente não é o caso de que quanto mais conhecimento histórico e literário seja adquirido, mais o indivíduo fica capacitado a entender o texto bíblico”.⁷

O estudo da Bíblia é diferente do estudo de qualquer texto literário ou religioso. O estudo da Bíblia pressupõe fé pessoal e exige o compromisso de todo o ser. O estudante da Bíblia, por preocupação com a declaração autoritativa (canônica) da Bíblia e à luz das tradições judaico-cristãs ao longo dos séculos, pode e deve se apropriar da Bíblia com um compromisso de fé.